



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Licenciatura em Pedagogia

**QUAL ESPAÇO QUE A LITERATURA INFANTOJUVENIL OCUPA EM
TRÊS CURSOS DE PEDAGOGIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO?**

Raquel Dias Dos Reis

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisitos parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Rosangela Carrilo Moreno.

Rio de Janeiro

Maio de 2019

**Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Faculdade de Educação
Licenciatura em Pedagogia**

**QUAL ESPAÇO QUE A LITERATURA INFANTOJUVENIL OCUPA EM
TRÊS CURSOS DE PEDAGOGIA NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO?**

Raquel Dias Dos Reis

Monografia apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisitos parcial à obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosangela Carrilo Moreno.

Aprovada em: ___ / ___ / _____

Banca examinadora:

Prof^a Dr^a Rosangela Carrilo Moreno (orientadora)
(UFRJ)

Prof^a Dr^a Marta Lima de Souza
(UFRJ)

Prof^a. Dra. Patricia Raquel Baroni
(UFRJ)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais. Minha mãe por todo seu cuidado, amor e dedicação infinita e incansável. Ao meu pai “In Memoriam” por todas as marcas positivas deixadas em minha vida.

Agradeço aos meus amigos, de perto e de longe, parceiros de trabalho, por estarem presente durante toda a minha trajetória.

Agradeço principalmente aos de muito perto, “presentes” da UFRJ (Camila Putzke, Natalia Barbosa, Manuel Vooght, Marcos Silva, Aldimara e Silvinha) por toda parceria ao longo desses anos, todo aprendizado construído e compartilhado, suporte nesse momento e toda empatia, amo vocês e muito obrigado!

As professoras Marta e Rosangela pelo carinho, suporte e orientação cuidadosa nesse trabalho, vocês foram incríveis!

A Deus por me sustentar e por ser tão bom a todo tempo!

O grande patrimônio que temos é a memória. A memória guarda o que vivemos e o que sonhamos. E a literatura é esse espaço onde o que sonhamos encontra o diálogo. Com a literatura, esse mundo sonhado consegue falar. O texto literário é um texto que também dá voz ao leitor. Quando escrevo, por exemplo: “A casa é bonita”, coloco um ponto final. Quando você lê para uma criança “A casa é bonita”, para ela pode significar a que tem pai e mãe. Para outra criança, “casa bonita” é a que tem comida. Para outra, a que tem colchão. Eu não sei o que é casa bonita, quem sabe é o leitor. A importância para mim da literatura é também acreditar que o cidadão possui a palavra. O texto literário dá a palavra ao leitor. O texto literário convida o leitor a se dizer diante dele. Isso é o que há de mais importante para mim na literatura.

(QUEIRÓS, 2011)

RESUMO

Este trabalho busca compreender, por meio do estudo do fluxograma dos cursos de pedagogia, o espaço que a literatura ocupa na formação de professores. Trata-se de um trabalho qualitativo de cunho exploratório, que buscou articular três eixos: (i) um breve olhar sobre a literatura infantojuvenil refletindo sobre a leitura e literatura e formação de professores, pensando em questões sobre direito e acesso, e a importância dos espaços de leitura, (ii) reflexões sobre as Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia, as influências e contribuições na formação dos docentes e a relação com algumas políticas públicas voltadas para o incentivo da literatura na escola, e (iii) análise do fluxograma do curso de Pedagogia de três universidades públicas localizadas na cidade do Rio de Janeiro. A partir das análises foi possível perceber que a literatura infantojuvenil possui nos cursos de Pedagogia uma carga horária reduzida, sendo que em uma das universidades não há nenhuma disciplina com essa temática, o que significa que as três universidades caminham a passos curtos para uma efetiva presença da literatura em seus currículos.

Palavras chaves: Leitura e escrita, Literatura infantojuvenil, Pedagogia, Políticas Públicas.

LISTA DE SIGLAS

CNE - Conselho Nacional de Educação

DCN – Diretrizes Curriculares Nacional

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação

PNBE – Plano Nacional Biblioteca da Escola

PNLD - Plano Nacional do Livro Didático

PNLL – Plano Nacional do Livro e da Leitura

REUNI - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNIRO - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Distribuição de eletivas UFRJ.	32
Imagem 2: Ementa da disciplina “Literatura na escola” da UNIRIO.	36
Imagem 3 : Fluxograma do curso de Pedagogia da UFRJ	37
Imagem 4: Fluxograma do curso de Pedagogia da UNIRIO	38
Imagem 5 : Fluxograma do curso de Pedagogia da UERJ.	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO1– Um olhar sobre a literatura infantojuvenil	14
1.1-Breve olhar sobre a literatura infantojuvenil e formação de professores	16
CAPÍTULO 2 - Desafios da formação de professores leitores e algumas políticas de incentivo à leitura	
2.1 - Ampliação do acesso aos cursos de licenciatura e as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Pedagogia	22
2.2 - A relevância da formação literária dos docentes e algumas políticas de incentivo a leitura.	26
CAPÍTULO 3- O espaço da literatura infantojuvenil na formação do pedagogo	
3.1- Caminhos da pesquisa	30
3.1.1 - Análise do fluxograma com foco nas disciplinas de literatura – UFRJ	30
3.1.2 - Análise do fluxograma com foco nas disciplinas de literatura – UNIRIO	34
3.1.3 - Análise do fluxograma com foco nas disciplinas de literatura – UERJ	39
3.2 – Reflexão sobre resultados	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
ANEXO	47

INTRODUÇÃO

Os gestos de ler são repetidos, tanto na leitura solitária como entre pares, na leitura ao lado do colega ou para o grupo, evidenciando a importância da participação das crianças, desde cedo, em práticas de leitura com e para elas e do modelo de ler dos adultos. Isso inclui não apenas o gesto, mas a dialogia e o afeto que se instauram com e no ato de ler. (CORSINO, 2014, p. 258)

O trecho acima faz refletir sobre a importância da literatura na formação de professores, uma vez que o professor, de certa forma é uma referência, um modelo em potencial para o acesso ao universo literário, uma vez que pode proporcionar, a expansão cultural, a afetividade, além da fruição e do prazer na escuta e leitura de clássicos, poemas, contos e histórias.

A presença da literatura na formação de professores pode contribuir em seu momento de atuação, para além dos objetivos específicos de sala de aula. Como aponta Corsino:

A leitura literária se apresenta como algo importante para o desenvolvimento pessoal e social. Além disso, ela é também uma porta de entrada das crianças para o mundo da cultura escrita. Livros, histórias, poemas, imagens vão colocando as crianças diante de outras formas de dizer o mundo, ampliam suas referências, dilatam também seu olhar sobre si e sobre o outro. (CORSINO, 2014, p. 12)

Sendo assim, para se pensar numa formação ampliada, o próprio professor precisa ter acesso em sua formação aos estudos que colaborem para essa reflexão. Por essa razão, nesse trabalho analisei a disciplina literatura infantojuvenil na formação dos professores que atuarão com crianças na educação básica, com base nos fluxogramas dos cursos de Pedagogia de três universidades públicas da cidade do Rio de Janeiro.

Importante salientar, que em nossa realidade brasileira muitas crianças não possuem acesso aos bens simbólicos. A graduação pode vir a ser a primeira possibilidade de apropriação para adultos que passaram a infância sem acesso à literatura. Sendo assim, para os professores em formação este acesso pode ser uma possibilidade de transformar a realidade de seus futuros alunos que, muitas vezes, também não teriam essa oportunidade.

Por essa razão, os objetivos principais desse trabalho foram: por meio do estudo do fluxograma dos cursos de pedagogia, compreender o espaço que a literatura ocupa na

formação de professores, realizando um trabalho de cunho exploratório, que buscou articular três eixos: (i) um breve olhar sobre a literatura infantojuvenil refletindo sobre a formação de professores e pensando em questões sobre direito e acesso, e a importância dos espaços de leitura; (ii) uma breve reflexão sobre as Diretrizes Curriculares do Curso de Pedagogia, a formação dos docentes e algumas políticas públicas voltadas para o incentivo da literatura na escola; e (iii) a análise do fluxograma curricular dos cursos de Pedagogia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), tendo como foco a compreensão de como a literatura infantojuvenil aparece na formação de futuros professores. Para isso, foi considerada a distribuição da disciplina dentro da grade curricular do curso (crédito/carga horária/eletiva/obrigatória), a fim de compreender o lugar que a literatura infantojuvenil ocupa nessa formação. Devido ao limite de prazo, não foi possível a realização de um trabalho de campo como, por exemplo, entrevistas com os professores formadores e os professores em formação.

Meu interesse pela temática se origina tanto pela minha participação por quatro anos em um grupo de pesquisa com foco em estudos literários, quanto pela disciplina eletiva Literatura Infantil cursada durante minha formação no curso de Pedagogia. Observei, inicialmente de forma assistemática, que há uma ausência de disciplinas que explorem os estudos literários na formação de professores. Por essa razão, eu destaco o ganho de formação que tive, mas que foi de certa forma quase que exclusivamente pelo grupo de pesquisa. Vale considerar que essa oportunidade que tive é reduzida, visto o grande número de alunos da graduação e o número de vagas para bolsistas nos grupos de pesquisa. Diante desse fato, decidi analisar como os estudos da literatura são disponibilizados nos currículos dos cursos de pedagogia de três universidades públicas do Rio de Janeiro por serem públicas e assim possuírem um amplo número de alunos e qualidade de ensino.

Para realizar essa reflexão, o presente trabalho consistiu em uma pesquisa de abordagem qualitativa (GODOY, 1995), com cunho exploratório. Para tanto, fiz uma revisão bibliográfica de alguns autores, como: Cândido (2011), Corsino (2014), Petit (2013), Paiva (2008) que já discutem a temática para dar sustentação a uma defesa da importância dos estudos literários na formação de professores.

Entendendo, que a grande maioria dos professores, também não tiveram amplo acesso às leituras literárias em sua formação básica, uma vez que é um curso escolhido por grande

parte da população de classe menos favorecida, e que, provavelmente, serão os responsáveis por apresentar o universo literário aos seus alunos que, por vezes, terão apenas nos espaços escolares acesso à literatura, como nos apresenta Cademartori (2009):

O Brasil ainda não é um país de leitores, situação determinada por fatores de natureza social, econômica, política, histórica e cultural. No entanto, existe hoje especial sensibilidade para esse assunto, traduzidas em inúmeras iniciativas, públicas e privadas, para promover a leitura. Não podemos esquecer, porém, que muitos professores não tiveram as condições necessárias para se desenvolverem devidamente com leitores e, às vezes, pensam ser deficiência pessoal o que, na verdade, provém do âmbito muito mais amplo, como a dívida social do país com seu povo. (ibid, p. 25).

Compreendendo o espaço escolar como um facilitador da circulação de acervos literários e a literatura como um bem fundamental, uma necessidade universal e um direito de todos, conforme aponta Cândido (2011), entendemos a importância e relevância do estudo da literatura na formação de professores que atuarão diretamente com crianças, adultos e idosos, que terão nesses professores sua referência de leitor.

Para sustentar essa visão dialoguei com os estudos de Cândido (2011) sobre literatura como bem incompreensível e um direito de todos, com Corsino (2014) que trata das influências da literatura na formação escolar e na formação dos professores, e Petit (2013) que aborda a importância da leitura e do acesso a literatura.

Para isso, o trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro tem o objetivo de justificar a importância do estudo da literatura tanto para os professores em formação, quanto pelas crianças que serão formadas por eles.

Já no segundo capítulo pretendi trazer algumas reflexões sobre a formação de professores em nível superior (curso de pedagogia) e apresentei brevemente as diretrizes curriculares do curso, a fim de compreender as orientações dessa formação. O estudo das diretrizes mostra que não há uma descrição direcionada/explicita sobre a literatura na formação de professores, porém existem algumas políticas públicas de incentivo à leitura e ao livro no âmbito escolar, ressaltando a importância da formação de professores qualificados para atuação efetiva nessas políticas, o que aponta para uma contradição entre a formação de professores e as políticas educacionais.

No capítulo três fiz uma análise dos fluxogramas dos cursos de graduação em Pedagogia de três universidades públicas localizadas no município do Rio de Janeiro, considerando as disciplinas disponíveis e se entre elas se encontravam alguma destinada aos estudos de literatura infantojuvenil. Para isso, foram utilizadas as grades curriculares e ementa da disciplina, (quando existente), a fim de demonstrar como os estudos em literatura infantojuvenil estão presentes/ou ausentes nas grades curriculares. Dito de outro modo, se as disciplinas são obrigatórias ou não, qual a carga horária e as possíveis implicações para os professores em formação.

E nas considerações finais sinalizo para o fato de que a literatura ocupa um espaço de pouca relevância na formação dos professores em nível superior. Apesar de aparecer em dois fluxogramas, o espaço ocupado ainda é muito pequeno na grade curricular.

É preciso considerar que este trabalho foi realizado em um curto período de tempo, por condições particulares. Sendo assim, a professora Rosangela caminhou neste trabalho apoiando para a finalização do texto.

CAPÍTULO 1

UM OLHAR SOBE A LITERATURA INFANTOJUVENIL

“É importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um bom leitor, e ser leitor é ter caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo” (ABRAMOVICH, 1991, p. 16).

A partir da citação acima é possível refletir sobre a importância da leitura literária na infância e suas contribuições para uma visão mais ampla da realidade. Sendo assim, a leitura realizada em sala de aula pelo professor, por outro mediador e até mesmo pelas crianças, seja por através das imagens, ou reprodução e criação em cima do texto já existente, pode fomentar o interesse crescente das crianças. É preciso considerar que para alguns grupos de estudantes, como dito anteriormente, a escola é uma das poucas possibilidades de acesso ao universo literário.

Ao iniciar as reflexões sobre as motivações que me levaram a esse tema, tive a oportunidade de repensar o caminho percorrido até aqui e de como tudo isso certamente influencia diretamente na profissional de educação que sou e que desejo ser.

Iniciei na escola na educação infantil, contudo não me lembro de muita coisa, me recorro de algumas atividades com tinta e colagem, mas não muita coisa. Apesar de acreditar ser assim para a maioria das pessoas, enquanto profissional desse seguimento eu creio que é lá que a “mágica” acontece.

No início do Ensino Fundamental me recorro das minhas experiências, pois senti dificuldades no processo de alfabetização. Eu estudava em uma escola filantrópica no turno da tarde, e minha turma era cheia. Sentia que não tinha atenção suficiente. Eu não conseguia acompanhar, não conseguia compreender como aquelas letras reunidas formavam as palavras, e como atender à exigência da leitura sem erros e pausas.

Contudo, após muitas dificuldades a professora propôs à minha mãe que eu mudasse para o turno da manhã, pois a turma era mais esvaziada. Assim foi feito. Na turma da manhã, a professora tinha uma relação mais próxima com os alunos, ouvíamos, manuseávamos histórias literárias com frequência, havia uma relação mais próxima com a professora e assim consegui ser alfabetizada.

Segui o Ensino Fundamental na mesma escola, que tinha uma proposta pedagógica boa, com turmas reduzidas, cada série só contava com 2 turmas e cada uma com no máximo 25 alunos, favorecendo assim a relação dos alunos entre eles e com os professores. Todos os professores nos conheciam sabiam de nossos “sucessos” e “fracassos”.

A instituição contava também com uma excelente biblioteca e era o lugar que eu mais frequentava na escola, espaço extremamente confortável, receptivo com ambientes para jogos, espaços com almofadas, carpetes. As professoras de português nos levavam muito à biblioteca, nos possibilitavam o acesso aos livros, com momentos de contação de histórias e leituras partilhadas. A bibliotecária também era uma senhora muito acolhedora que me ensinou a desenvolver o hábito de tomar emprestado os livros e de apreciar o universo literário. E era bem comum a troca de livros entre as turmas, e feiras literárias na escola. Minha experiência nessa escola aproxima-se daquilo que Corsino (2014) destaca:

A biblioteca da escola se diferencia de outras e pode ser chamada de sala de leitura, também porque a criança pode ler o espaço e interagir com ele. Portanto, é interessante que as salas de leitura tenham sofás, almofadas, esteiras, cadeiras soltas, mesas redondas e mobílias que tanto tragam conforto como segurança para leitores de creche, pré-escolas e primeiros anos do ensino fundamental. (ibid, p. 267).

No Ensino Médio, a experiência já foi bem frustrante, mudei para uma escola pública, bem maior e com muitos alunos. Era uma escola de formação de professores. Entretanto, em algumas disciplinas não tínhamos professores, o acesso à biblioteca era inexistente, pois vivia trancada e nosso acesso era proibido. Hoje, ao fazer esse exercício memorial, recordo-me de junto a um grupo de amigos, ter concorrido ao grêmio escolar, mesmo sem nenhuma experiência anterior com movimentos estudantis. Minha participação tinha somente o objetivo de poder reivindicar o acesso à biblioteca. No mais, foi uma formação bem conturbada e significativamente limitada, sem acesso à biblioteca e com alguns professores que saíam e entravam sem talvez deixarem sua marca, uma mudança expressiva ou atuarem de forma significativa em minha formação.

Ao chegar à universidade, mais uma vez a literatura pela literatura, pela fruição, pelo prazer de ler, ficou para depois, considerando toda a carga de leituras de textos acadêmicos e a dificuldade encontrada na leitura dos mesmos. Era difícil encontrar tempo para ler meus livros que iam se acumulando, visto que, era necessário focar apenas nas leituras obrigatórias exigidas na dinâmica curricular da faculdade.

Nesse momento fui exposta e apresentada a um acervo muito maior de leituras, contudo, obrigatórias. Muitas vezes as disciplinas foram iniciadas de forma dura e sem muita dinâmica. Durante a graduação, tive uma participação em um trabalho de doutorado de uma aluna da UFRJ e, ao ajudá-la, mais uma vez, como que por ironia do destino, a literatura voltou à minha vida. Nesse momento eu já havia explorado uma sala de leitura que temos em nosso prédio da faculdade de educação, mas que na maior parte do tempo seguia fechada por motivos variados. Essa aluna me indicou para participar do processo seletivo de uma bolsa em um grupo de pesquisa da própria faculdade de educação sobre leitura literária.

Sendo assim, ao longo da minha graduação, pude desfrutar de poucas oportunidades de estudos da literatura infantojuvenil, a não ser pela oportunidade de participar por quatro anos de um grupo de pesquisa focado nos estudos sobre literatura, o que me permitiu perceber a relevância dos estudos do grupo para a minha formação. Certamente essa participação me possibilitou uma constante reflexão sobre o que acompanhava e observava nos estágios obrigatórios e nas disciplinas da graduação.

Percebo que o aprendizado de certas questões pertinentes ao trabalho pedagógico, assim como a importância da leitura durante toda a formação, a compreensão do direito e do acesso à literatura só foram possíveis mediante as discussões vivenciadas no interior do grupo de pesquisa. Depois de um período participando como bolsista de iniciação científica pude perceber o quão significativa e formativa foi a experiência de participar deste espaço na graduação.

Por essa razão, apresento neste capítulo um breve histórico sobre a literatura infantojuvenil a fim de demonstrar a importância desse conhecimento nos cursos de pedagogia.

1.1 - Breve olhar sobre a literatura infantojuvenil.

Por muito tempo a literatura não foi destinada à infância, assim como as próprias crianças não eram vistas na categoria de infância. Por muito tempo as crianças serviam como mão de obra em fábricas, eram vistas como pequenos adultos, e possuíam longas jornadas de trabalho. Como afirma Corsino (2014, p.26), “literatura e infância são dois conceitos construídos, portanto, variam conforme a época, o lugar, os grupos sociais e seus valores”.

Na Europa, a literatura se fez presente com o avanço da sociedade burguesa. No Brasil, praticamente todas as obras lidas antes de 1920 foram importadas da Europa. O processo de avanço literário foi bem lento, visto que só a partir do século XIX começaram a surgir os primeiros livros destinados à infância, porém, tendo como foco as práticas moralizantes, o desejo de doutrinar e de garantir crianças obedientes, como afirma Kirchof:

Assim como na Europa, também no Brasil, portanto, a produção de livros para crianças esteve marcada, desde seu início, por intenções morais e pedagógicas vinculadas ao universo cultural de uma burguesia emergente, sendo o espaço escolar o lócus de consumo prioritário dessas obras (KIRCHOF, 2016, p.25).

Contudo, só muito mais à frente, a partir dos anos 1920 a literatura ganhou notoriedade no cenário social, e deixou de ter um teor quase que totalmente moral e focado no universo cultural burguês passando a ganhar espaço nas escolas.

“O livro direcionado às crianças e jovens foi criado com finalidade explícita de educar e informar os alunos. A literatura para crianças surge não como lazer ou função estética” (Corsino, 2014, p.243). A transformação dessa forma literária é notada no Brasil com a obra de Monteiro Lobato, que chega como pioneiro na escrita dos textos literários infantis, focado numa escrita interessada na ampliação cultural das crianças. É partir da década de 1960 que há a ampliação de produção de obras literárias no contexto brasileiro, segundo Corsino:

A obra de Lobato é considerada por muitos especialistas como um marco de qualidade na literatura infantil brasileira. Estudos mostram que antes do autor iniciá-la, as histórias lidas pelas crianças eram quase todas importadas da Europa [...]. Apresentadas em traduções portuguesas, que dificultavam a leitura, e, quase sempre preocupavam-se mais em ensinar do que em abrir as portas para a imaginação. (CORSINO, 2014, p. 155)

Mesmo com a expansão literária que ocorreu ao longo dos anos, para muitas crianças em nosso país a literatura ainda não aparece no seu cotidiano, senão por meio, da escola. Para muitas famílias brasileiras a realidade não permite “gastos” com livros literários que inclusive, em sua maioria, quando são de qualidade possuem preços não acessíveis aos grupos populares. Já a escola acaba se constituindo para alguns segmentos sociais, como lugar “privilegiado” de acesso à leitura e aos livros. Como traz Petit:

Para alguns, tudo é dado ao nascer, ou quase tudo. Para outros, à distância geográfica somam-se as dificuldades econômicas e os obstáculos culturais e psicológicos. Quando se vive em bairros pobres

na periferia da cidade, ou no campo, os livros são objetos raros, pouco familiares, investidos de poder, que provocam medo. Estão separados deles por verdadeiras fronteiras, visíveis ou invisíveis. E se os livros não vão até eles, eles nunca irão até os livros [...] Muitas pessoas se sentem incompetentes ou envergonhadas diante de um livro; têm a impressão de que esse privilégio pertence aos outros, aos que têm recursos. (PETIT, 2013, p. 24)

Para muitos grupos de nossa sociedade, ainda nos dias atuais, o lugar de leitor segue sendo um lugar de privilégios, destinado a grupos seletos. Por essa razão, as políticas públicas de incentivo à leitura e as bibliotecas desempenham um papel significativo para que a leitura e a literatura sejam difundidas desde a infância.

Para compreendermos um pouco mais sobre a importância de difundir a literatura, Cândido (2011) traz em seus escritos a definição do sociólogo dominicano, padre Louis-Joseph Lebret, que distingue os bens como sendo compressíveis ou incompressíveis. Compreensíveis seria o que é superficial e incompreensível o que seria indispensável à sobrevivência humana, como alimentação, saúde entre outros. “Certos bens são obviamente incompreensíveis, como o alimento, a casa, a roupa. Outros são compreensíveis como, os cosméticos, os enfeites, as roupas supérfluas” (2011, p 175).

Segundo Cândido, o direito a literatura seria um bem incompreensível, que não poderia ser negado e nem negligenciado a ninguém. Ao definir o que seria literário, Cândido não limita-se apenas a obras literárias clássicas, como vemos a seguir:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos de folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. (CÂNDIDO, 2011, p. 176)

Para o autor, toda obra qualificada produzida é e deve ser tratada como literatura, a literatura é uma ferramenta de humanização, todo ser humano em alguma parte do seu dia dá margem ao fantasioso. Para Cândido (1989), “talvez não haja equilíbrio social sem a literatura” (p. 112). A literatura tem importância na formação do sujeito, na forma como conduz e aprende com suas próprias experiências, seja através da imaginação, fabulação, relaxamento e nas formas de relação com a sociedade, como o autor nos apresenta abaixo:

Não há povo e não há homem que possa viver sem ela, isto é sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem algum momento de entrega ao universo fabulado (CÂNDIDO, 2011, p. 176).

A literatura é uma ferramenta de humanização e possibilita o posicionamento dos educandos frente ao mundo, amplia a leitura de mundo e exercício da cidadania. A escola, de fato, é uma grande porta de entrada para mediar esse “encontro positivo” entre os alunos e a leitura. Segundo Paiva:

É importante ter em mente que o que se deve buscar é o gosto pela leitura, não meramente o hábito de ler. Esse gosto precisa estar alicerçado na noção de que ler é – deve ser – um meio pelo qual se compreende melhor o mundo, posicionando-se diante dele. Assim, o material sobre o qual o professor trabalha deve ser capaz de levar o aluno a descobrir a sua capacidade criativa e libertadora (PAIVA, 2008, p. 101).

A prática de leitura pode vir a ser compreendida pelos alunos como um processo de emancipação, uma melhor forma de compreender e se colocar em sociedade, a literatura é possibilidade de acesso ao universo letrado e apropriação cultural.

Cândido (1989) nos traz a reflexão de que “a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob a pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza” (p. 122). A literatura consegue, por vezes, romper barreiras, pois a sensibilidade de um texto pode permitir a ampliação de uma visão humanitária. A leitura pode servir como “ferramenta” para lidar com situações e sentimentos cotidianos, permitindo construir uma visão mais ampliada.

Considerando a importância da literatura, principalmente, no desenvolvimento social e afetivo dos indivíduos, parece fundamental que os professores tenham acesso aos estudos de literatura em sua formação, como visto “para a maioria, o único lugar em que o encontro com o livro pode acontecer é na escola, e pela intermediação do professor” (Cademartori, 2009, p.90). Isso não significa que a leitura deva ser tratada pela escola somente como “obrigatória”, tendo por finalidade cumprir a demanda de uma prova ou de imensos questionários, mas apresentar sim a necessidade de uma leitura por fruição, pelo prazer de ler, de se aventurar pelas páginas repletas de histórias, pelo organizar das emoções, da leitura de mundo, que

acabam por nos enriquecer de forma mais ampla que as leituras sistematizadas com uma determinada finalidade e que por fim, não acrescenta, não modificam em quase nada o leitor.

A própria escolha do livro deve ser objeto de reflexão. Muitas vezes, as leituras que ocorrem no interior das escolas, são feitas de cima para baixo, ou seja, o professor escolhe ou a própria escola define quais livros serão lidos ao longo do ano. Embora para muitas crianças essa leitura já lhes possibilite alguma aproximação com o ato de ler, é possível que ela se torne algo não atrativo. Sendo assim:

É preciso um investimento na promoção da cultura, e não apenas na promoção do currículo escolar, para que a literatura possa ser percebida como arte e não só como pretexto para o ensino de conteúdos linguísticos ou informações implícita (CORSINO, 2014, p. 280).

É necessário que a criança sinta-se familiarizada com os livros, com o espaço em que os mesmos circulam tanto nas salas quanto no espaço da biblioteca. É preciso intimidade para que se façam escolhas para além das “impostas” pelo currículo escolar e essas escolhas precisam iniciar-se no interior das escolas, assim como nos mostra Corsino:

Como não se pode garantir que em todas as casas as crianças encontrem livros para experimentá-los e para experimentar-se leitor, os espaços de livro e leitura nas escolas são fundamentais para o encontro do leitor com o livro. A biblioteca da escola é um importante equipamento de acesso e democratização da cultura. (CORSINO, 2014, p. 269)

Mesmo o ir até uma estante de livros precisa ser estimulado, o espaço deve ser favorável, não basta só à presença dos livros os espaços devem ser organizados de forma intencional é preciso despertar curiosidade, os espaços onde os acervos se encontram precisam ser espaços de exploração, onde sejam realizadas práticas leitoras, é necessário intencionalidade na distribuição dos livros, sendo assim é possível verificar que:

Nos espaços dos livros, a partir da possibilidade de escolhas de leituras, acontece uma força transformadora da vida cultural para oportunidade mesma das crianças interagirem entre os pares a partir dessas escolhas. O espaço dos livros e leituras favorece a possibilidade de experiências das crianças com os livros, escolhas, negociações, produção de regras, registros, acordos, liberdade e circunspeção. (CORSINO, 2014, p.272)

As bibliotecas/salas de leitura ou cantos de leituras não têm função quando se tornam depósitos de livros. A biblioteca escolar precisa ter vida, precisar ser um espaço de circulação e construção cotidiana, pois “para forma-se leitor é necessário, além de livros, congregar espaços e tempo. Espaço de relações e tempo de escuta, de diálogo. E a forma com que o acervo é disponibilizado na escola é importante para essa formação, pois permite que os livros sejam acessíveis e usados de diferentes maneiras e por mais leitores” (Corsino, 2014, p. 248). É preciso lembrar, como dito anteriormente, que a escola, por vezes, é o primeiro local de acesso ao universo literário, portanto, é preciso compromisso e qualidade ao proporcionar essas oportunidades de contato com os acervos.

Contudo, para que haja circulação do livro e acesso a esses bens literários na escola é preciso que o professor incentive a prática leitora em seus alunos. Compreendendo como abordado ao longo do capítulo à literatura como um “bem incompreensível”, que não pode e nem deve ser negado a nenhum indivíduo em formação, é importante que o docente saiba das contribuições que a literatura promove na formação dos educandos e que a prática literária seja uma constante no seu cotidiano escolar. É fundamental o estímulo e o investimento para que o material literário circule nas escolas e nas casas dos alunos na forma de empréstimo. Mas, para que isso aconteça, o professor primeiramente precisa estar familiarizado ao universo literário e, para isso, é necessário receber uma formação que valoriza o estudo dessa área.

CAPÍTULO 2

DESAFIOS DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES LEITORES E ALGUMAS POLÍTICAS DE INCENTIVO A LEITURA

Neste capítulo, analisei brevemente as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) que regem os cursos de Pedagogia no Brasil na perspectiva de compreender se abordam ou sinalizam alguma orientação relacionada à importância dos estudos de literatura, refletindo as implicações na atuação do professor frente algumas políticas públicas de incentivo a leitura que circulam no interior das escolas e que foram aqui brevemente apresentadas, por compreender a importância do professor está preparado para usufruir dos benefícios que surgem das oportunidades vindas dessas políticas.

2.1 – Ampliação do acesso e Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Pedagogia

Nos estudos sobre os cursos de Pedagogia no Brasil verifiquei, por meio do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa (INEP), que a maior parte dos cursos de licenciatura em Pedagogia são oferecidos por universidades particulares. É notório um expressivo aumento das matrículas nos últimos anos nos cursos superiores de licenciatura em Pedagogia justificado possivelmente pela orientação presente na Lei de Diretrizes e Bases (LDB9.394/96) e pela meta 15 do Plano Nacional de Educação 2014-2024 de que a formação docente para toda a educação básica deverá ser feita em nível superior, como é possível verificar abaixo:

Garantir, em regime de colaboração entre a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, no prazo de 1 ano de vigência deste PNE, política nacional de formação dos profissionais da educação de que tratam os incisos I, II e III do caput do art. 61 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, assegurado que todos os professores e as professoras da educação básica possuam formação específica de nível superior, obtida em curso de licenciatura na área de conhecimento em que atuam. (OBSERVATORIO DO PNE, 2018)

Nas universidades públicas federais como é o caso da UFRJ ainda contamos com o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Públicas (REUNI) que foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007 com o objetivo de ampliar o acesso às vagas e a permanência dos estudantes no curso superior de quase todas as universidades federais do país. O aumento de vagas, segundo site do portal do MEC, chegou a 14.826 nos cursos oferecidos pelas federais.

Em 2010 a UFRJ oferecia 6.625 vagas de ingresso em graduação presencial em 67 cursos, sendo os cursos noturnos correspondentes a apenas 17% do universo de graduandos (bacharelado e licenciatura). Em 2011 a oferta subiu para 10.406 vagas, distribuídas em 208 cursos e a instituição passou de um universo de 28.328 para 39.856 alunos matriculados. (ANTUNES, 2016, p. 4)

Apesar dos avanços em número de vagas, de um modo geral, principalmente nos cursos noturnos, é possível notar que os grupos negros e pobres que tiveram uma ampliação do acesso à graduação, como mostra Antunes (2016), “Segundo o Censo do Ensino Superior de 2011, em comparação com o período de 2003 e 2004, o contingente de alunos pretos e pardos no ensino superior brasileiro apresentou uma elevação em torno de 50%” (p.4). Porém ainda acessam cursos “menos valorizados” como os cursos de pedagogia e demais licenciaturas e que os números de acesso, permanência e conclusão não chegaram aos 90% como as metas do REUNI. “As vagas noturnas também sofreram um incremento geral de cerca de 60% entre 2007 e 2010 (AdUFRJ/2012), tendo sido ofertadas 1.816 novas vagas no ano de 2010 para os cursos de bacharelado e licenciatura, porém, um índice ainda 14% abaixo da meta visada em 2007 pelo Plano de Reestruturação da Universidade” (ANTUNES, 2016, p.5).

Essa discussão nos remete ao debate iniciado no começo do trabalho sobre o acesso ao universo literário, que muitas vezes só é possível via o curso de Pedagogia. Muitos desses alunos não tiveram acesso em sua formação básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio) à literatura. Entretanto, ao chegarem nas escolas enquanto docentes, até mesmo pelas políticas de incentivo à leitura, precisarão trabalhar esse conteúdo curricular.

De certa forma, isso faz refletir sobre a necessidade de se conter na formação de professores da educação básica os estudos da literatura infantojuvenil. Muitos profissionais de educação possuíam apenas diploma de nível médio para atuarem como professores. Ao serem exigidos diploma de Ensino Superior, o professor em formação deveria ter assegurado o acesso aos estudos de literatura a fim de qualificar o trabalho em sala de aula.

Para compreender mais sobre os cursos de graduação em Pedagogia e se há uma atenção ao estudo da literatura, analisei as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN's) elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) em 2003, que trazem orientações e norteiam os cursos em questão.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia resultam, pois, do determinado na legislação em vigor, assim como de um longo processo de consultas e de discussões, em que experiências e propostas inovadoras foram tencionadas, avaliações institucionais e de resultados acadêmicos da formação inicial e continuada de professores foram confrontados com práticas docentes, possibilidades e carências verificadas nas instituições escolares. (Parecer CNE/CP n. 05/2005, p.2)

Quando pela primeira vez foi regulamentando o curso de Pedagogia, no Decreto-Lei nº 1.190/1939, este era o lugar de formação de “técnicos em educação” que por sua vez, “eram, à época, professores primários que realizavam estudos superiores em Pedagogia para, mediante concurso, assumirem funções de administração, planejamento de currículos, orientação a professores, inspeção de escolas, avaliação do desempenho dos alunos e dos docentes, de pesquisa e desenvolvimento tecnológico da educação.” (Parecer CNE/CP n. 05/2005, p.2).

Em 1939, o curso recebe uma padronização por uma concepção que alinhava as licenciaturas no esquema 3+1, com disciplinas pedagógicas para a complementação dos cursos em bacharelado, e assim, tornarem-se licenciados para atuar no ensino secundário¹. Com a reforma universitária nº 5.540, de 1968, passou a facultar ao curso de Pedagogia a oferta de habilitações em variadas áreas como: Supervisão, Orientação, Administração e Inspeção Educacional, assim como outras especialidades.

Com o passar do tempo e o número cada vez maior de discentes, o curso segue se desenvolvendo com o interesse de formar profissionais atentos as diferenças que vão surgindo no campo educacional, principalmente em atender a formar docentes para os anos iniciais de escolarização, alterando o foco da formação de gestores. Visa-se educadores comprometidos com o ensinar e aprender de forma integral, como vemos a seguir:

No processo de desenvolvimento social e econômico do país, com a ampliação do acesso à escola, cresceram as exigências de qualificação docente, para orientação da aprendizagem de crianças e adolescentes das classes populares, que traziam, para dentro das escolas, visões de mundo diversas e perspectivas de cidadania muito mais variadas. De outra parte, a complexidade organizacional e pedagógica, proporcionada pela democratização da vida civil e da gestão pública, também trouxe novas necessidades para a gestão escolar, com funções

¹ O esquema 3+1, estrutura mantida até 1960, previa para alguns cursos superiores (filosofia, ciências e letras) uma seção de "Didática", destinada a habilitar os licenciados para lecionar no ensino secundário. Os alunos cursavam os "cursos ordinários" das "seções fundamentais" para garantir o título de Bacharel; e ao bacharel que completasse o "curso de Didática" era concedido o diploma de Licenciado.

especializadas e descentralizadas, maior autonomia e responsabilidade institucional. (Parecer CNE/CP n. 05/2005, p.3)

Assim sendo, ao lançar um olhar sobre as diretrizes curriculares do curso de Pedagogia é possível notar o interesse em uma formação comprometida com a democratização do país. Trata-se de uma defesa da universalização da educação básica, como mostra o trecho a seguir:

O graduando em Pedagogia trabalha com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada pelo exercício da profissão, fundamentando-se em interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética. Este repertório deve se constituir por meio de múltiplos olhares, próprios das ciências, das culturas, das artes, da vida cotidiana, que proporcionam leitura das relações sociais e étnico-raciais, também dos processos educativos por estas desencadeados (Parecer CNE/CP n. 05/2005, p.19).

Conforme apontado no primeiro capítulo a literatura é uma das formas que pode favorecer uma formação mais diversificada e reflexiva, que vai além dos conteúdos escolares. A literatura pode ampliar a formação que os indivíduos carregam e trazem consigo, podendo colaborar para a leitura e maior compreensão dos contextos sociais e culturais. Assim, como nos traz Corsino (2014, p.34), “a literatura tem a capacidade de ampliar diante do homem sua própria humanidade, descortinando outras realidades diante de si, bem como o poder de emocionar e sensibilizar o leitor”.

Ao lançar um olhar sobre as Diretrizes Curriculares para a Pedagogia foi possível perceber que não há uma definição específica para que os pedagogos em formação estudem o conteúdo literário, mas ao longo dos parágrafos, como alguns citados anteriormente nesse capítulo, fica subentendido a necessidade de estudos que abordem a temática, quando citado a necessidade dos estudos das artes, conhecimentos culturais, afetivos e estéticos. Como é possível notar no artigo 3º da DCN:

Art 3.º O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, **fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética.**² (Parecer CNE/CP n. 05/2005, p.19)

² Grifo meu.

Dessa forma, torna-se importante considerar a literatura numa perspectiva de facilitadora nesse trabalho de interdisciplinaridade e contextualização, principalmente quanto às questões estéticas, afetivas e culturais. Por essa razão, os investimentos nos estudos de literatura para os professores em formação parece significativo, especialmente porque estes futuros profissionais, ao entrarem em sala de aula terão que lidar com as políticas de incentivo a leitura.

2.2 - A relevância da formação literária dos docentes e algumas políticas de incentivo a leitura.

O estudo da literatura para os professores em processo de formação representa uma possibilidade dentro do que o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Pedagogia aponta como “diferentes tradições culturais e das ciências” (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS, 2005, p.7).

Os docentes em sala de aula possuem um papel importante na apresentação, estímulo, desenvolvimento de projetos de literatura. Como nos mostra Paiva (2008), “partimos, portanto, do pressuposto de que realmente o professor-leitor pode influenciar a prática leitora de seus alunos, mas que apenas isso não pode ser considerado como suficiente para a formação de leitores proficientes na escola.” (p.141)

É importante salientar que o que o professor em formação traz em sua bagagem leitora é significativo e constitui a sua história. Ter uma disciplina sobre literatura no currículo de Pedagogia não deve ter a intenção de ser uma receita pronta de como trabalhar a questão da literatura nos espaços escolares, mas sim contribuir para a formação individual do professor de forma a “transbordar” no seu momento de prática.

O prazer de ler. Jamais o hábito da leitura, porque o hábito pertence ao mundo dos deveres, dos automatismos: cortar as unhas, escovar os dentes, rezar de noite. Não hábito, mas leitura amorosa. Na leitura amorosa entramos em mundos desconhecidos e isso nos faz mais ricos interiormente. Quem aprendeu a amar os livros tem a chave do conhecimento. (ALVES, 2011)

O estudo da literatura infantojuvenil na graduação torna-se importante não porque o professor universitário daria conta de convencer aos universitários em formação que o prazer

de ler e a prática leitora são emancipadores no fazer pedagógico, mas porque permite ter uma visão mais ampla de nossas vivências, é outra forma de olhar a vida, ressignificando a leitura de mundo, os sentimentos, as emoções, de se relacionar com a linguagem e com a escrita.

O estudo da literatura extrapola o aprendizado estritamente pedagógico, é uma formação humanizadora, como Cândido (2004) afirma:

Entendo aqui por humanização [...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante. (CÂNDIDO, 2004, p. 180)

Assim sendo, o estudo da literatura vai para além de cumprir um programa curricular de conteúdos e textos literários. É uma formação com experiência estética, que proporciona uma leitura mais ampla da sociedade, uma formação com sensibilidade para a condição humana. O que nos faz perceber que o acesso literário na formação dos professores pode ter implicações no chão da escola.

Soma-se a essa percepção as próprias políticas de incentivo à leitura. O Plano Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) é um exemplo das políticas presentes nas escolas. Desenvolvido desde 1997, o PNBE tem o objetivo de promover acesso à cultura e incentivo à leitura dos alunos e professores por meio da distribuição de material literário. O programa atende todas as escolas públicas cadastradas no censo escolar, com distribuição alternada de escolas de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio.

Os livros eram disponibilizados para as escolas cadastradas no censo escolar realizado anualmente através do INEP, não havendo necessidade de adesão. As escolas recebiam os acervos diretamente das editoras. Contudo, desde 2014 os livros não vêm sendo distribuídos às instituições, havendo uma proposta de retorno a distribuição para 2019. Atualmente, somente o Plano Nacional do Livro e Material Didático (PNLD) é responsável pela distribuição de livros didáticos, podendo assumir a distribuição do acervo literário.

O PNLD inclusive terá um novo nome: Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLMD). Os livros que serão entregues em 2018 já estão definidos e não incluem obras literárias. Caso o próximo

edital em elaboração pela SEB já contemple as novas diretrizes, há possibilidade de que a literatura volte ao cardápio em 2019. (MOREIRA, G1, 2017)

É importante salientar que em 2010 foi sancionada a lei nº 12.244 de 24 de maio de 2010, Lei das bibliotecas escolares³, que tem como objetivo a obrigatoriedade das bibliotecas em todas as instituições de ensino da educação básica. Esta lei traz a importância da presença de um profissional formado em biblioteconomia, sem desconsiderar a parceria com os professores que compõe o corpo docente da escola e a importância de um espaço para o armazenamento do material literário de forma que facilite o acesso e a circulação do mesmo. Como é possível ver abaixo no fragmento da lei de universalização das bibliotecas:

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas Leis nºs 4.084, de 30 de junho de 1962, e 9.674, de 25 de junho de 1998.

Pensando no prazo dessa lei, que seria de dez anos, até 2020 a maioria das escolas públicas e privadas do país deveriam conter uma biblioteca ou sala de leitura. Mas, esse quadro ainda não é uma realidade em muitos estados e municípios do país. Já os estados e municípios que contemplam essa demanda é importante pensar neste espaço da biblioteca/sala de leitura, no trabalho que será realizado pelos profissionais ali atuantes e nas influências dessas atividades para a formação cognitiva, social e cultural das crianças e jovens.

Outra política de incentivo à leitura é o Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL) aprovado em 2011, cujo objetivo é impulsionar políticas de fomento à leitura, ampliar debates e nortear ações para a democratização do acesso ao livro. Essas políticas de incentivo à leitura só apontam para o que os estudiosos da área vem dizendo:

³ A lei está em anexo na página 48.

Há que se investir simultaneamente e continuamente em: composição e organização dos acervos, espaços para o livro e para a leitura nas escolas, alocação e formação de um professor responsável pela biblioteca escolar/sala de leitura, formação continuada de professores que inclua as inúmeras questões que envolvem a mediação de leitura e também a leitura literária dos professores. Formar leitores literários - e não apenas de textos informativo – implica em também ser leitor literário. (CORSINO, 2014, p. 279)

Os estudos sobre literatura infantojuvenil deveriam, portanto, ser uma possibilidade para a formação desse profissional. Esta poderia ser uma forma do docente ter uma formação, a fim de exercitar seu papel enquanto formador de leitores e referência para os alunos. Como diz Paiva:

Nesse sentido, é possível entender que necessariamente quem executa o ato de ler também o faz com um complemento, ou seja, lê alguma coisa, algum gênero. E mais do que isso: se desejamos alunos-leitores conhecedores de todas as formas textuais, também seus professores, como agentes sociais da leitura, devem ter o conhecimento dessas tipologias diversas, justamente para proporcionar o acesso a seus educandos (PAIVA, 2008, p. 142)

Sendo assim, o estudo da literatura infantojuvenil é fundamental para formação plural do pedagogo e para a sua atuação profissional. Ao conhecer, ao manipular materiais literários os professores quando em sala podem modificar seu fazer pedagógico.

Considerando a importância do professor em formação ter a oportunidade de se aproximar de conteúdos literários, como já visto no capítulo anterior, é que analisei a grade curricular dos cursos de pedagogia de três universidades públicas do município do Rio de Janeiro, como veremos no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 3

O ESPAÇO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO

Nesse capítulo analisei as grades curriculares de três universidades públicas do Rio de Janeiro. Das três universidades públicas escolhidas, em duas os alunos ingressam por meio do (Exame Nacional do Ensino Médio) ENEM e a na outra por vestibular próprio.

3.1- Caminhos da pesquisa

O trabalho baseia-se em uma pesquisa de abordagem qualitativa (GODOY, 1995), com cunho exploratório para essa análise, devido ao tempo limitado, optei por analisar os currículos disponíveis nos sites das universidades e acessei tanto os fluxogramas quanto as ementas das disciplinas que se enquadravam no tema dos estudos literários infantojuvenil.

Os fluxogramas de disciplinas das faculdades de Pedagogia foram analisados, assim como as ementas das disciplinas que atendiam a temática do estudo realizado. Todas as universidades e seus respectivos cursos de Pedagogia possuem esses documentos disponíveis para serem acessado via internet.

A pesquisa visou analisar os fluxogramas e ementas de disciplinas que abordassem a literatura no curso de Pedagogia, a fim de refletir sobre o lugar que o estudo literário ocupa na formação dos professores (se é obrigatório ou não, o número de créditos na grade) no ensino superior, além de tentar compreender o que é abordado nas disciplinas para então analisar os possíveis impactos na atuação de professores em formação.

3.1.1 - Análises do fluxograma com foco nas disciplinas de literatura - UFRJ

A primeira análise foi do fluxograma do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), em funcionamento desde 1939, curso esse com raízes na extinta Faculdade Nacional de Filosofia e que, após a reforma universitária, faz parte da Faculdade de Educação, que compõe o Centro de Filosofia e Ciências Humanas. A formação do pedagogo é entendida por essa instituição como preparo para o magistério, como vemos abaixo:

O Curso de Pedagogia é voltado para a formação de um pedagogo - professor capaz de conciliar a reflexão crítica e uma visão ampla sobre

Educação com a ação consistente e eficiente na sala de aula. O Curso de Pedagogia oferece as habilitações: Magistério das Séries Iniciais do Ensino Fundamental, Educação Infantil e Magistério das Disciplinas Pedagógicas do Curso Normal, e tem como objetivo e motivação o aperfeiçoamento profissional e o aprofundamento do compromisso político e técnico da UFRJ com a Educação Básica, ainda hoje um desafio educacional do Brasil. (Projeto Político Pedagógico da UFRJ, s/d)

Atualmente, o curso encontra-se organizado de forma que os alunos devem cursar 169 créditos e 3.125 horas de atividades acadêmicas obrigatórias, seguido de mais 06 créditos e 90 horas de atividades acadêmicas optativas, 02 créditos e 100 horas de atividades acadêmicas complementares, 09 créditos e 375 horas de disciplinas complementares de escolha restrita (Atividade de Extensão). Logo o curso é constituído no total de 186 créditos e duração de 3.690 horas de efetivo trabalho acadêmico, distribuídas da seguinte forma:

- 2.280 horas dedicadas às atividades formativas oferecidas por 39 disciplinas obrigatórias;
- 90 horas dedicadas às atividades formativas oferecidas por, no mínimo, duas disciplinas complementares de escolha condicionada;
- 800 horas de Prática de Ensino e Estágio Supervisionado;
- 100 horas de Atividades Acadêmicas Complementares;
- 45 horas de Orientação de Monografia.
- 375 horas de atividades de extensão

Ao analisar o fluxograma do curso de Pedagogia da UFRJ (imagem 1, p, 32) é possível verificar que a disciplina voltada para os estudos de literatura aparece como uma disciplina optativa (eletiva), não tem espaço entre as disciplinas obrigatórias da graduação em Pedagogia.

As disciplinas eletivas/optativas, de um modo geral, possuem um sistema de crédito bastante inferior as obrigatórias, caracterizando-se por ser uma complementação, uma vez que possuem carga horária reduzida, sem horários fixos e sem a garantia de disponibilidade de oferta em todos os períodos. Depende da disponibilidade do professor regente da mesma oferecer a disciplina, não existindo a obrigatoriedade de ser lecionada.

No final de 2014 e início de 2015 a disciplina “Literatura Infantil” foi disponibilizada em um horário mais acessível aos estudantes trabalhadores, visto que, a aula se iniciava às 18:30 e alunos que trabalham a tarde ou pela manhã pudessem ser contemplados. Entretanto,

desde o segundo semestre de 2015 a disciplina voltou a ser lecionada no horário de 16:30 às 18:30, restringindo o curso para os alunos do diurno. Em 2018 esta disciplina não foi oferecida, apenas em 2019 no período da tarde. A disciplina conta geralmente com o mesmo professor, mas em alguns semestres (quando disponibilizada a noite) foi regida por outro professor.

Como é possível ver no fluxograma do curso de Pedagogia, a disciplina não aparece no quadro, pois ela insere-se como optativa e, portanto, só pode ser pesquisada no momento em que é oferecida (imagem 3, p, 37).

O quadro abaixo já mostra a disciplina que possui 03 créditos e 45 horas de carga horária.

Disciplinas Optativas (Escolha Condicionada)				
Código	Nome	Créditos	C.H.G. Teórica/Prática /Extensão	Requisitos
EDW002	Educação e Gênero	3,0	45 0 0	
EDW003	Literatura Infantil	3,0	45 0 0	
EDW004	Educação e Etnia	3,0	45 0 0	
EDW005	Colon, Educ e a Pedag da Revol	3,0	45 0 0	

Imagem 1 : Distribuição de eletivas UFRJ.

A oferta não obrigatória da disciplina indica que o espaço que a formação literária infantojuvenil ocupa na formação de professores do curso de Pedagogia da UFRJ é secundário.

A ementa da disciplina é disponibilizada na página de inscrição de disciplinas da faculdade, assim como o horário e apresenta-se da seguinte maneira:

EDW003-Literatura Infantil

Literatura infantil, imaginação criadora e produção de cultura; leitura literária e outras leituras; história da literatura infantojuvenil no Brasil; escolarização da literatura e letramento literário; formação de leitores literários; indústria cultural e literatura infantil; o mercado editorial e a escola: a produção atual de literatura infanto-juvenil. Texto e ilustração. Literatura, cinema e novas tecnologias.

(Faculdade de Educação da UFRJ, SIGA, 2019)

Por meio da ementa da disciplina, é possível analisar que na disciplina literatura infantil será abordadas discussões sobre a produção e indústria do material literário, além do recurso em novas tecnologias, quem vem sendo de grande atrativo para os públicos mais jovens.

Hoje temos uma vasta produção literária em plataformas digitais, sendo a relação com suporte de papel uma discussão importante para os professores, uma vez que o material digital está constantemente circulando nas salas de aulas.

Cursar a disciplina é também uma oportunidade desse estudante em formação ter acesso ao acervo (de papel) que é disponibilizado nas aulas. Fora da disciplina, talvez, esse aluno não tivesse acesso, seja por questões financeiras, visto que, a grande maioria dos alunos dos cursos de graduação em pedagogia são estudantes da classe trabalhadora ou mesmo por desconhecer acervos literários. Nesse sentido, cursar a disciplina me parece fundamental para a formação desse professor.

A escolha de livros literários deve contemplar questões, por vezes, pontuais como a qualidade do material do acervo, a qualidade estética das imagens, textos ricos que favoreçam a ampliação de vocabulário do leitor ou do ouvinte. É relevante destacar que alguns dessas questões são certamente melhor problematizadas quando em contato com os estudos que nos levem a refletir sobre as mesmas.

Tive a oportunidade de vivenciar essa experiência, quando já ao fim da graduação cursei a disciplina “Literatura Infantil” na UFRJ no horário da noite, e foi uma chance única de trocar experiências de leituras com colegas também em formação. Aprendemos sobre a relevância de acervos de qualidade, sobre a qualidade estética das ilustrações, ampliação de vocabulário, sobre a importância desse acesso, universalização do material literário e as formas de explorá-lo no interior das salas de aulas junto aos alunos e da qualificação na formação do professor ao ter acesso a esses bens literários.

Acreditando na relevância dos estudos em literatura e da importância de um docente consciente da sua contribuição na trajetória leitora e ampliação cultural dos alunos, as faculdades de Pedagogia deveriam atentar-se para um foco maior nas disciplinas com essa finalidade, cujo conteúdo de estudo possibilitaria uma oportunidade de acesso e conhecimento

amplo de acervos literários, de trocas de experiências e de leituras partilhadas em sala de aula, podendo contribuir futuramente com formação das crianças, como vemos abaixo:

É função e obrigação da escola dar amplo e irrestrito acesso ao mundo da leitura, e isto inclui a leitura informativa, mas também a leitura literária; a leitura para fins pragmáticos, mas também a leitura de fruição; a leitura que situações da vida real exigem, mas também a leitura que nos permita escapar por alguns momentos da vida real (SOARES, 2008, p. 33).

Nesse sentido chama atenção que uma disciplina com esse valor formativo seja disponibiliza de forma eletiva. As disciplinas eletivas também são parte fundamental do currículo, mas como a própria nomenclatura define são escolhas feitas pelos alunos, ou seja, não são disciplinas obrigatórias.

Visto a ampliação e o investimento de políticas públicas de incentivo à leitura cada vez mais focadas no interior das escolas, principalmente nos segmentos de Educação Infantil e Anos Iniciais é relevante que essa, temática esteja presente ao longo da formação dos professores que atuarão nesses espaços

Assim como as políticas públicas de investimentos em leitura e acesso a bens culturais são indispensáveis nas escolas, também é investimento na formação inicial desse professor que atuará nas salas de aula, afinal ele será um mediador, um facilitador para os alunos em formação escolar.

3.1.2 - Análise do fluxograma com foco nas disciplinas de literatura - UNIRIO

A segunda universidade selecionada para a análise do fluxograma do curso de Pedagogia presencial é a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), que surge em 1987, com duas habilitações: Magistério das Disciplinas Pedagógicas e Magistério de Primeira à Quarta Série do Primeiro Grau. A partir da Resolução UNIRIO 2.061, de 06/05/99, publicada num contexto permeado por mudanças, tanto no contexto social, quanto na legislação educacional, a LDB de 1996 é exemplo, o curso de Pedagogia passa à habilitar seus alunos à atuarem na Educação Infantil, nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, Educação de Jovens e Adultos e na Educação e Comunicação. A criação destas habilitações

veio concomitante com a reformulação curricular do curso, conforme indica o projeto político pedagógico.

Ao analisar o fluxograma do curso e fazer uma breve leitura sobre o projeto político pedagógico, foi possível observar que a carga horária total passa para 3.355 horas (2.640 h obrigatórias; 240 h, no mínimo, de disciplinas optativas; 375 h de estágio supervisionado e; no mínimo, 100 h de atividades complementares). O currículo foi organizado em três núcleos: (1) núcleo de estudos básicos, (2) núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos e (3) núcleo de estudos integradores.

As disciplinas dos três núcleos constituem sete grandes eixos temáticos que orientam o curso, a saber: (1) Fundamentos da Educação (o qual possibilitará a formação para a atuação no ensino médio, modalidade normal e, em cursos de educação profissional e na área de serviços e apoio escolar); (2) Educação Infantil; (3) Anos Iniciais do Ensino Fundamental; (4) Gestão de processos educacionais; (5) Educação de jovens e adultos; (6) Pesquisa e (7) Disciplinas afins aos diferentes eixos. Esses eixos podem ser vistos na imagem 4 (p. 38).

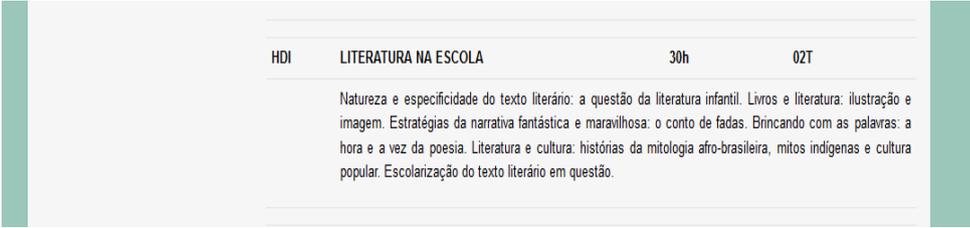
Conforme o projeto político pedagógico do curso de Pedagogia, a formação do pedagogo entende que:

(...) o pedagogo que o curso de Pedagogia presencial da Unirio tem a responsabilidade de formar é um profissional com sólida formação teórica e compromisso político, envolvido com o ensino-aprendizagem, a pesquisa e a gestão em contextos educativos escolares e não-escolares, na perspectiva democrático-participativa, visando a superação das desigualdades sociais. Na condição de sujeito em constante (inter)ação com o(s) outro(s), deverá constituir-se como produtor de saberes na e para a sociedade, compreendida como espaço-tempo privilegiado de análise, reflexão e explicitação das relações sociais e de produção. (Projeto Político Pedagógico da Unirio, 2008, p.4)

Nesse quadro, a universidade oferece a disciplina intitulada “Literatura na escola” sendo está obrigatória. A carga horária da disciplina prevê 30 horas e 2 créditos. Ainda que a disciplina tenha uma carga horária e quantidade de créditos “reduzidas”, em comparação as disciplinas que possuem carga horária de 60 horas e valem entre 3 e 4 créditos, a universidade garante o curso em seu currículo.

A disciplina é disponibilizada no oitavo período e está incluída no eixo “Educação Infantil”. Nos dois últimos semestres foi lecionada no período da tarde (13h às 15h) e no período da noite (18h as 20h), sempre pelos mesmos professores em seus respectivos turnos⁴.

A ementa da disciplina (imagem 2) abaixo, que está disponível no site da Escola de Educação da UNIRIO, mostra que o foco da disciplina são livros literários, especificamente abordando temas como ilustração, poesia, mitologia e cultura popular.



HDI	LITERATURA NA ESCOLA	30h	02T
	Natureza e especificidade do texto literário: a questão da literatura infantil. Livros e literatura: ilustração e imagem. Estratégias da narrativa fantástica e maravilhosa: o conto de fadas. Brincando com as palavras: a hora e a vez da poesia. Literatura e cultura: histórias da mitologia afro-brasileira, mitos indígenas e cultura popular. Escolarização do texto literário em questão.		

Imagem 2: Ementa da disciplina “Literatura na escola” da UNIRIO.

Nessa universidade, a disciplina é oferecida de modo obrigatório, o que se mostra positivo, visto que, os alunos de Pedagogia em formação terão acesso ao conteúdo. A disciplina não fica a critério de escolha, ou com falta constante de professor, ou a que melhor encaixou na optativa que deveria ser cursada, ou sendo oferecida período sim período não, ela precisa ser cursada para conclusão do curso.

Esse primeiro contato torna-se relevante até para que o docente em formação muitas vezes distante do universo literário, para compreender seu papel como potencial mediador, ter contato com os acervos de literatura, além de poder entender o que fazer com esse material.

Em cada texto que lê, o sujeito-leitor aumenta seu acervo podendo fazer novas leituras de si mesmo, do outro e do mundo. [...] A dimensão da leitura enquanto experiência está justamente na possibilidade de ir além do momento em que se realiza, podendo desempenhar importante papel na formação. (CORSINO, 2010, p.9)

O futuro professor poderá trabalhar “a linguagem enquanto arte que traz as dimensões éticas e estéticas da linguagem, exercendo uma importante função formadora e humanizadora, que se inicia desde as primeiras histórias ouvidas” (CORSINO, 2014, p.19).

⁴ Como foi verificado no site da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Acesso em 19 de fevereiro de 2019.

3.1.3

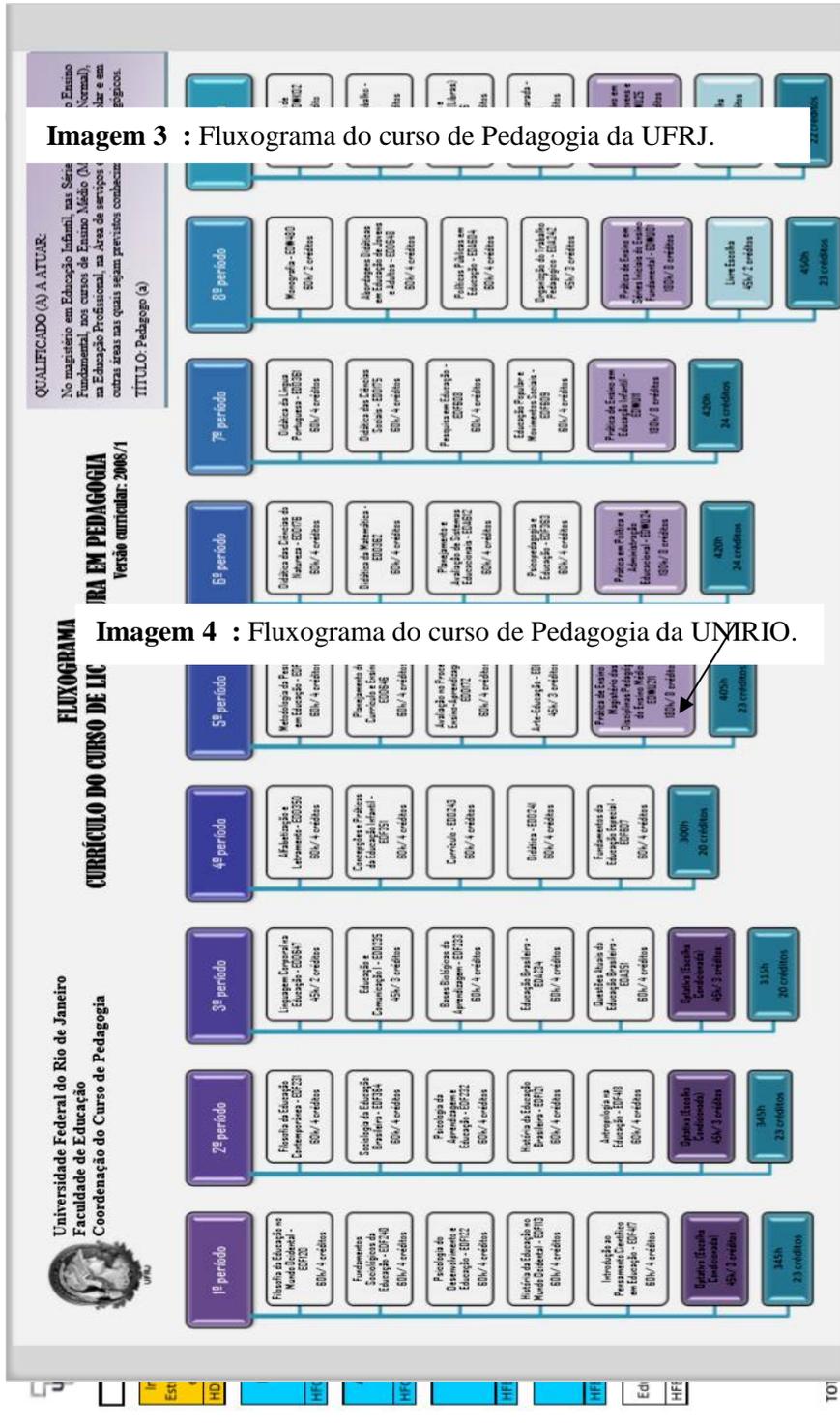


Imagem 3 : Fluxograma do curso de Pedagogia da UFRJ.

Imagem 4 : Fluxograma do curso de Pedagogia da UNIRIO.

Análise do

fluxograma com foco nas disciplinas de literatura – UERJ

Ao iniciar a análise do fluxograma do curso de Pedagogia na Universidade Estadual do Rio de Janeiro é possível notar que sua carga horária têm um total de 3.960 horas, 234 créditos, com 40 disciplinas obrigatórias cada um contando com 4 créditos e 60 horas, 10 disciplinas eletivas com 2 créditos e carga horária de 30 horas, 8 atividades culturais de 1 crédito cada e carga horária total de 30 horas, além das demandas de estágio em variados segmentos, pesquisa e prática de pesquisa e a disciplina de monografia.

Na Universidade Estadual do Rio de Janeiro não foi encontrada nenhuma disciplina com foco em estudos em literatura infantojuvenil. Algumas disciplinas contemplam os estudos da infância e da cultura, mas não se referem de forma central aos estudos de literatura, (observação feita por meio do fluxograma do campus Maracanã curso presencial tanto nas obrigatórias quanto nas eletivas, imagem 5, p.41).

A ausência dessa disciplina mostra o lugar a literatura ocupa nesse curso de formação de professores. Ainda que o tema possa aparecer de forma diluída em outros conteúdos da formação, não há um número de créditos, de carga horária exclusiva para o estudo específico.

3.2 – Reflexão sobre os resultados

A partir dos estudos sobre a importância e relevância no contexto educacional do acesso aos bens literários, fica evidente a necessidade dos professores em formação terem a oportunidade de cursarem disciplinas de literatura infantojuvenil, seria interessante que os estudantes do curso de Pedagogia pudessem contar em sua formação com a disponibilidade de matérias com viés literário, mas como visto nas análises de seus fluxogramas isso ainda não é uma realidade.

A disciplina sobre literatura aparece em duas das grades curriculares das três universidades analisadas, sendo que uma aparece apenas como eletiva, o que não significa que os discentes irão cursá-la. Em uma delas a disciplina nem aparece. Isso mostra que a literatura está ocupando um lugar de pouco destaque e sem tanta relevância, uma vez que disciplinas eletivas são cursadas para complementação curricular.

Considerando, com base nas ideias de Cândido, que a literatura faz parte dos bens incompreensíveis, e que, portanto, não deve ser negado nem negligenciado a nenhum indivíduo, a falta de formação para os professores resultará na chegada de profissionais nas

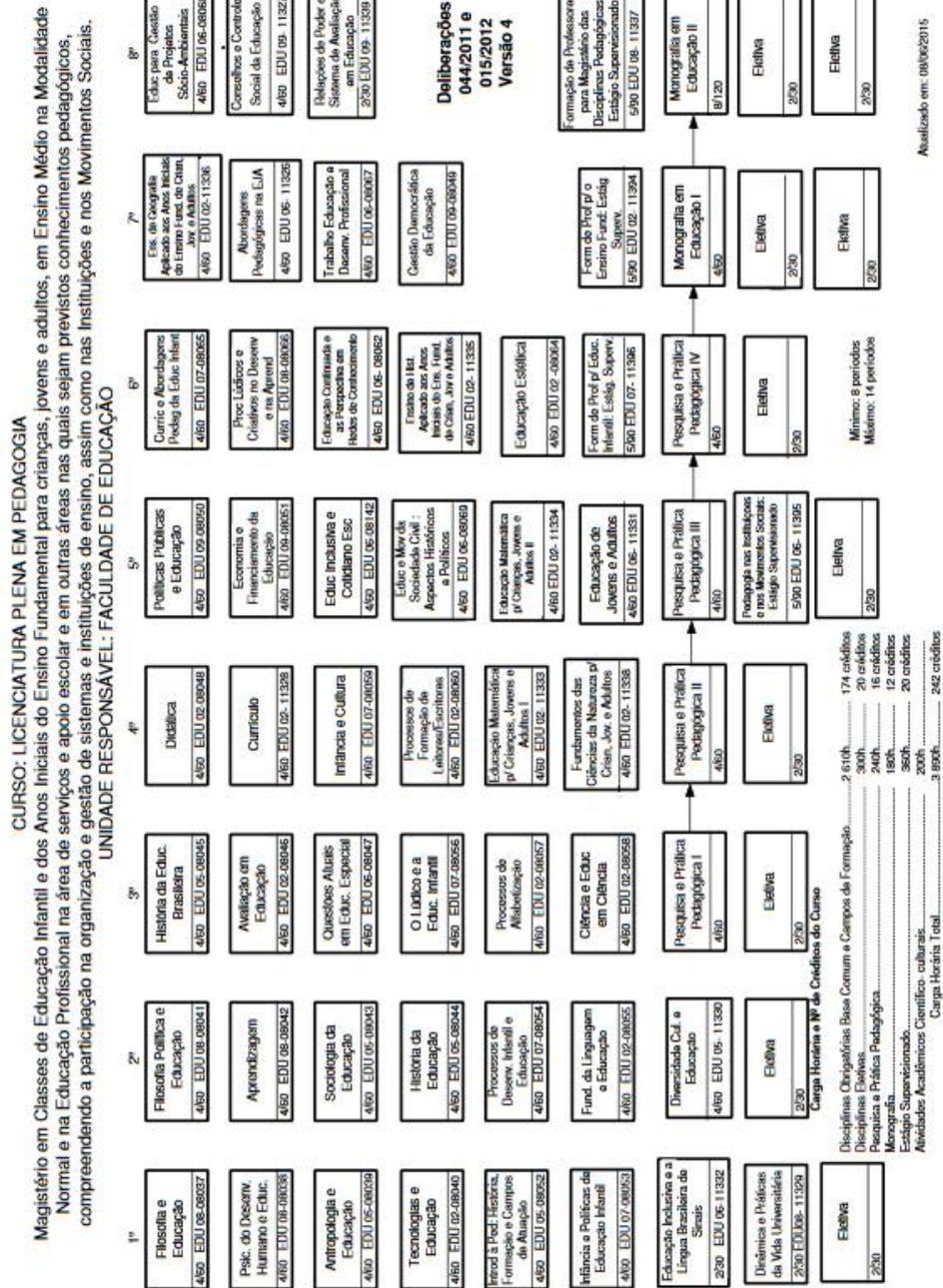
escolas, sem ao menos terem tido a oportunidade de terem sua bagagem cultural, social, emocional ampliada também por esse conteúdo literário.

Como visto no capítulo dois é importante que os docentes compreendam a importância da literatura na formação inicial das crianças, para que de fato façam valer as políticas que buscam garantir o acesso e o fomento da formação dos pequenos leitores. Os planejamentos e projetos escolares elaborados pelos professores, com a união da gestão e dos próprios alunos, precisam levar em conta a relevância da presença da leitura literária e permitir que, de fato, o livro esteja presente no cotidiano escolar, porém, isso só será viável com profissionais comprometidos com a formação integral de seus alunos, o que passa pelo viés literário.

Ao analisar os fluxogramas das universidades fica evidente um espaço muito pequeno ocupado por esse conteúdo. Apesar da literatura está presente nos currículos de Pedagogia, e até mesmo ocupar espaços relevantes na formação de pós-graduação de algumas universidades selecionadas, nos estudos iniciais do curso de Pedagogia esse espaço ainda é muito pequeno.

Seria importante um investimento maior na formação dos docentes para que executem um trabalho literário, qualificado nos segmentos de Educação Infantil e Ensino Fundamental, mas isso só será possível quando os mesmos tiverem acesso a uma formação que contemple o estudo desse universo.

Imagem 5 : Fluxograma do curso de Pedagogia da UERJ.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao fim desse trabalho percebo que percorri um caminho muito construtivo e de grande valor formativo ao longo da graduação, tive a oportunidade de ter acesso aos estudos literários, não só em disciplinas da grade curricular, mas pela participação no grupo de pesquisa que estuda a literatura nos contextos escolares.

Contudo, ao retornar as questões que orientaram a condução desse trabalho, como: Qual o lugar que a literatura ocupa na formação de professores? Como é disponibilizada nos currículos? Foi possível constatar que ela ocupa um lugar muito pequeno, ainda que exista em alguns fluxogramas a presença de uma disciplina nessa área. Acredito ser necessário um currículo traga a disciplina como obrigatória nos cursos de graduação.

A literatura precisa deixar de ter o cunho “sagrado” que muitas vezes recebe, deixar de ser um conteúdo para um público específico e elitizado. É preciso investimento para que as leituras façam parte, de fato, do cotidiano escolar, mas não só como atividades, mas como um ato de reflexão, com professores conscientes de seu fazer pedagógico e suas influências. Como já problematizado ao longo do texto, não basta que os livros estejam em estantes e caixas nas escolas, é fundamental que haja um trabalho com esse acervo, precisa que circule, forme, construa e modifique as vivências escolares.

Hoje, ao findar esse trabalho e por meio de minha prática pedagógica, consigo iniciar reflexões sobre as perguntas que me incentivaram a realizar essa pesquisa, percebendo as influências positivas que essa formação literária teve em minha prática pedagógica.

Trabalho com textos literários e consigo perceber a importância da literatura para uma formação estética, crítica e reflexiva, que permite investimento na afetividade e compartilhamento de ideias entre pares, ampliação do vocabulário infantil, fruição, acesso a bens culturais, ressignificação da visão de mundo, em suma, valorizo as contribuições que o texto literário pode trazer e despertar na sala de aula.

Pretendemos, assim, ter ajudado, especialmente aos professores, a entender a literatura não como uma zona sombria de dúvidas, sobre a qual se faz impossível simples mortais transitar por seu território. Ela pode, sim, ser encarada como uma das mais ricas dimensões de cultura a serviço da educação do homem. (PAIVA, 2008, p. 195)

Realizar essa pesquisa mostrou a dimensão de como poucos professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental possuem acesso a esses estudos de forma sistematizada, dentro das grades curriculares de seus cursos de Pedagogia. O que de fato me preocupa, claro que compreendo que a formação pode e deve acontecer além dos espaços especificamente de formação inicial, é o lugar “menor” da literatura infantojuvenil na formação dos futuros professores.

A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (COSSON, 2014, p. 23, APUD KIRCHOF; BONIN, 2016, p. 40)

É preciso que a literatura adentre de fato os espaços acadêmicos e escolares, mas que não perca sua essência defendida ao longo de todo o trabalho, que vá para além do cognitivo e sem a finalidade estritamente pedagógica. A literatura precisa ser compreendida como um bem incompreensível, um direito de todos e que não deve ser negado. Precisamos de educadores que tenham consciência de sua importância e possibilitem o acesso desses bens a seus alunos, além da constante luta para que não se perca na educação básica o seu espaço conquistado por meio das políticas de incentivo que, por vezes, são a única forma de acesso para milhares de sujeitos.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo : Scipione, 1991.

ALVES, Rubem. *Formação do educador*. Revista Educação, 2011. Disponível em: <http://www.revistaeducacao.com.br/formacao-do-educador-coluna-rubem-alves/> Acesso em: dez.2018.

ANTUNES, Vinícius Volcof. *Expansão e democratização universitária: a implementação do REUNI na Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Revista Habitus: Revista da Graduação em Ciências Sociais do IFCS/UFRJ, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 91-99, 10 de nov. 2016. Semestral. Disponível em: www.habitus.ifcs.ufrj.br/ Acesso em: 10 de janeiro. 2019.

BRASIL. LEI Nº 12.244 de 24 de maio de 2010. Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 25 mai, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12244.htm/ Acesso em: 2 de fev,2019.

BRASIL. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Escola de Educação. Projeto Político Pedagógico. 2008.1. . Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/projeto-politico-pedagogico/> Acesso em 19 dez. 2018

BRASIL. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Projeto Político Pedagógico. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/portal/educacao.php?pst=2&pgn=/> Acesso em 18 dez. 2018

BRASIL. Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Faculdade de Educação. Projeto Político Pedagógico. Disponível em: <http://www.educacao.uerj.br/grad.html/> Acesso em 27 dez. 2018

CADEMARTORI, Lígia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. *Seis propostas para o próximo milênio: lições americanas*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CÂNDIDO, Antônio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos e literatura*. Cjp / Ed. Brasiliense, 1989. Disponível em: <https://bibliasp.org/wp->

content/uploads/2014/09/direitos-humanos-e-literatura-por-antonio-candido.pdf Acesso: 12 dez. 2018.

_____. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

_____. *A literatura e a formação do homem*. Revista IEL Unicamp. 2012. Disponível em: <http://revistas.iel.unicamp.br/index.php/remate/article/viewFile/3560/3007/> Acesso em 25 Jun. 2018.

CORSINO, Patrícia (org). *Travessias da literatura na escola*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014.

CORSINO, Patricia. *Literatura e Infância: Reflexões e Questões*. Anais do III Congresso Internacional Diálogos Sobre Diálogos. Niterói, RJ: UFF: 2010.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901995000300004/ Acesso em: 15 de dez de 2018

KIRCHOF, Edgar Roberto Roberto; BONIN, Iara Tatiana. *Literatura infantil e pedagogia: tendências e enfoques na produção acadêmica contemporânea*. DOSSIÊ “Literatura, infância e espaços escolares”. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v27n2/1980-6248-pp-27-02-00021.pdf> / Acesso em 02 fev. 2018.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 05/2005 Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf Acesso em: 25 de jan.2019.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Diretrizes Curriculares de Pedagogia. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf Acesso em 27 de jan.2019.

MOREIRA, Ardilhes. Governo federal está desde 2014 sem comprar livros de literatura para escolas públicas.G1, 2017. Disponível em: < <https://g1.globo.com/educacao/noticia/governo-federal-seguira-sem-entregar-novos-livros-de-literatura-para-bibliotecas-escolares-em-2018.ghtml>>. Acesso em: 2 abr.2019.

OBSERVATÓRIO. Plano Nacional de Educação. Disponível em: <http://www.observatoriodopne.org.br/> <http://www.observatoriodopne.org.br/metas-pne/15-formacao-professores/> Acesso em 17 nov. 2018

PAIVA, Fabrícia Vellasquez. *A literatura infanto-juvenil na formação social do leitor: a voz do especialista e a vez do professor nos discursos do PNBE 2005*. Rio de Janeiro: UFRJ, FE, 2008

PETIT, Michèle. *Leituras: do espaço íntimo ao espaço público*. São Paulo: Editora 34, 2013.

PLATAFORMA PRÓ-LIVRO. Plano Nacional do Livro e Leitura. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/34767>> Acesso 22 de mar. 2019

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. *Paiol literário*. Disponível em: <http://rascunho.com.br/bartolomeu-campos-de-queiros/> Acesso em 10 fev. 2019

SOARES, Magda. Introdução - Ler, verbo transitivo. In. .PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Orgs.) *Leituras Literárias: discursos transitivos*. Belo Horizonte: Ceale; Autentica, 2008.

TARDIF, M.; LESSARD, C.; LAHAYE, L. Esboço de uma problemática do saber docente. *Teoria & Educação*. v. 1, n. 4, p. 215-253, 1991.

VIEIRA, Alice. *Formação de leitura de literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos*. Cadernos de Pesquisa, v. 38, n. 134, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n134/a0938134.pdf/> Acesso em 8 set. 2018.

ZILBERMAN, Regina. *O papel da literatura na escola*. Via Atlântica, n.14, dez. 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50376/> Acesso em 15 dez. 2018

ANEXO A

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.244 DE 24 DE MAIO DE 2010.

Dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições de ensino do País.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º As instituições de ensino públicas e privadas de todos os sistemas de ensino do País contarão com bibliotecas, nos termos desta Lei.

Art. 2º Para os fins desta Lei, considera-se biblioteca escolar a coleção de livros, materiais videográficos e documentos registrados em qualquer suporte destinados a consulta, pesquisa, estudo ou leitura.

Parágrafo único. Será obrigatório um acervo de livros na biblioteca de, no mínimo, um título para cada aluno matriculado, cabendo ao respectivo sistema de ensino determinar a ampliação deste acervo conforme sua realidade, bem como divulgar orientações de guarda, preservação, organização e funcionamento das bibliotecas escolares.

Art. 3º Os sistemas de ensino do País deverão desenvolver esforços progressivos para que a universalização das bibliotecas escolares, nos termos previstos nesta Lei, seja efetivada num prazo máximo de dez anos, respeitada a profissão de Bibliotecário, disciplinada pelas [Leis nºs 4.084, de 30 de junho de 1962](#), e [9.674, de 25 de junho de 1998](#).

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de maio de 2010; 189º da Independência e 122º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Fernando Haddad
Carlos Lupi

Este texto não substitui o publicado no DOU de 25.5.2010